

FREITAS, Helena Costa Lopes de. **O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios**. Campinas: Papirus, 1996. 248 p.

*Ilka Miglio de Mesquita**

A autora é formada em Serviço Social pela PUC-Campinas. Fez seu Mestrado em Educação pela Unicamp (1979) e doutorou-se na área de Metodologia do Ensino em 1993 nessa mesma Universidade. Atualmente, atua como professora na Faculdade de Educação da Unicamp. Este trabalho, como salienta a autora, é resultado de sua trajetória como professora, desde 1979, da disciplina Prática de Ensino e Estágios na Habilitação Magistério do curso de Pedagogia da Unicamp, formando professores para atuar nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental e na Habilitação Específica para o Magistério no Ensino Médio. Trata-se de uma análise de sua própria prática e das estagiárias, bem como da atuação dos professores de escola pública, das produções referentes ao tema, dos encontros que trataram sobre o assunto e de discussões sobre as mudanças curriculares do curso de Pedagogia, em especial o da Unicamp.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, a autora elege a categoria Trabalho como fundamental para analisar o “trabalho pedagógico que se concretiza historicamente na escola”. O Trabalho é pensado como “fonte de produção de conhecimento que se constitui em poderoso articulador da relação teoria-prática na formação” de professores (p. 10). O Estágio constitui o ponto de partida para a transformação da Prática de Ensino. A Docência e Práticas Pedagógicas devem ser entendidas como processo de trabalho para intervir numa determinada realidade (a escola pública). Segundo a autora, o professor deve encarar a docência como atividade que transforma a natureza e as condições sociais que envolvam sua existência (Prática Docente é igual a Trabalho que produz conhecimento).

Ao analisar a prática com a disciplina Prática de Ensino e Estágios Supervisionados na Habilitação Magistério do curso de Pedagogia durante o ano de 1992, a autora recupera sua trajetória como professora. Recusa o tecnicismo e o pragmatismo do trabalho docente em sala de aula, a concepção de professor como mero reproduzidor de conhecimentos de livros didáticos e de “pacotes educacionais”, rejeita ainda a idéia de se pensar a prática de ensino como “aplicação” de métodos e técnicas, como também a de reduzi-la a inovações metodológicas a serem aplicadas em diferentes áreas de “conhecimento específico” e a visão de prática de ensino e estágio como sendo o tempo de

* Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Alto São Francisco - Luz - MG

aprender ou apreender experiências pedagógicas inovadoras. Tem a intenção de fazer do estágio o ponto de partida para a transformação da prática de ensino, pensando-o não como aprendizagem, mas como trabalho que possibilite a intervenção e transformação real da escola pública de ensino fundamental.

Com base na reflexão da realidade vivida, a autora se propõe a percorrer os estudos e encontros que tratam sobre a questão da prática de ensino e recuperar os caminhos percorridos pelo “movimento de revisão da didática e da evolução do pensamento sobre a prática de ensino e os estágios, situando-os no contexto em que surgiram e seus determinantes históricos” para o entendimento dos problemas de sua pesquisa. Retoma, da retrospectiva histórica que faz, os elementos principais para entender a problemática da prática de ensino e estágios como disciplina dos currículos de formação do educador “e que busca sua definição no conjunto da área da didática”. Traz ainda uma revisão bibliográfica sobre o tema, apontando críticas a algumas concepções de autores e reafirma outras que avançam sobre a questão em pauta. “Conceitos como trabalho docente, trabalho pedagógico, realidade escolar, transformação social, práticas bem sucedidas, relação teoria-prática, prática-teoria-prática não podem ser entendidas como conceitos neutros, assépticos, desligados da realidade histórico-social que os sustenta. Eles adquirem sentido quando referenciados a um projeto histórico que expresse de que escola falamos, a que conteúdos nos referimos e por qual transformação social estamos lutando”. (p. 30)

A autora nos chama a atenção para a existência de diferentes concepções de prática de ensino e de estágio, que ora são valorizados, ora desvalorizados, o que evidencia as diversas visões sobre a escola em relação à sociedade em constante transformação, as diversas maneiras de sentir a organização curricular dos cursos formadores de professores, como também as diversas formas de explicar o processo de produção de conhecimento e de diferentes projetos históricos.

Para a autora, a relação dialética teoria-prática que caracteriza o processo de conhecimento torna-se a questão principal para a análise do problema da prática de ensino e estágios inseridos no contexto dos curso de pedagogia e da formação do profissional da educação. São evidentes, na estrutura das licenciaturas, os momentos de teoria e os momentos da prática e esta separação se dá tanto em disciplinas de “conteúdo” como nas disciplinas que tratam do fenômeno pedagógico e da produção de conhecimento específico sobre a sala de aula e a escola. A separação entre teoria e prática na estrutura dos cursos de formação de professores constitui a evidência da visão dicotômica da relação teoria-prática predominante em nossa sociedade.

Alerta para o exame da organização do processo de trabalho na escola e das relações que esta estabelece com a sociedade na qual está inserida para

o entendimento das condições de produção da prática de ensino e estágios nos cursos de formação de professores, bem como suas relações com o processo de produção do trabalho pedagógico. Para tanto, a autora procurou historiar os movimentos que definem a atual forma de organização do processo de trabalho, a produção e apropriação do conhecimento no sistema capitalista, como também verificar as relações entre trabalho e educação que possam explicar o desenvolvimento do trabalho pedagógico escolar com que as alunas tomam contato quando estão estagiando.

A formação de professores, no espaço de trabalho pedagógico escolar que ocorre sob determinadas circunstâncias, consiste num processo de constante movimento e transformação. Para tanto, afirma que é preciso conhecer a realidade concreta, apreender a totalidade do objeto de estudo – a educação e a escola – e compreender seus determinantes históricos para a formação do profissional da educação, pois representam o ponto de partida para o trabalho pedagógico.

Para a autora, a relação trabalho-educação ou “trabalho produtivo-instrução” encontra no marxismo suas formulações mais precisas: “o trabalho constitui-se na fonte de compreensão da realidade, na fonte da produção do conhecimento. (...). No processo de objetivação e apropriação, o homem, ao transformar a natureza imprimindo-lhe suas marcas, cria um mundo humano, cria cultura e, neste ato, constante movimento, transforma-se. É nesta relação dialética com a natureza, pela sua atividade prática, pelo seu trabalho, que o homem produz conhecimento, constrói as relações entre os fatos e produz a história”.(p. 49)

Para a análise dos dados nesse estudo, a autora mostra que seria preciso conhecer a realidade e apreender os elementos que constituíram o desenvolvimento da prática de ensino e estágios durante o ano de 1992: suas relações, determinações e contradições. O concreto constituiu o ponto de partida e a dialética materialista permitiu a apreensão do movimento, presente no trabalho, em todas as suas dimensões teóricas e práticas. Para a realização da sua proposta de pesquisa, a autora afirma que os dados foram organizados e sistematizados, desde a elaboração do plano de curso, as sondagens iniciais das expectativas das alunas até a avaliação final do trabalho.

No primeiro capítulo, o curso de pedagogia é colocado no centro das atenções no sentido de recuperar a história do movimento nacional pela reformulação das condições da formação profissional. Afirma que “Para compreender a problemática da prática de ensino e estágios supervisionados no curso de pedagogia deve-se localizá-la no contexto das políticas nacionais para a formação de professores, entendidas estas políticas como resultado das relações que se estabelecem, em cada momento histórico, entre educação e sociedade e das lutas que se travam entre as propostas oficiais para o curso de

pedagogia e o movimento dos educadores”(p. 58). Analisa também, de forma específica, as propostas de reformulação do curso de pedagogia da Unicamp e a disciplina prática de ensino e estágios supervisionados no contexto do curso de 1979 a 1992.

No capítulo II a autora analisa a prática de ensino e estágios tendo como ponto de partida o conhecimento das condições em que se realiza a disciplina, seus condicionantes, determinantes e possibilidades. Partindo das opiniões das estagiárias sobre o curso, a formação e a aproximação com a escola pública de ensino fundamental, a autora pontua nos depoimentos as angústias, as incompreensões, as críticas e divergências em relação ao próprio conteúdo – teórico-prático – do curso de pedagogia. Mostra que as alunas reconhecem, por elas mesmas, de que a teoria, no curso de pedagogia, encontra-se distante da prática, não apenas por se encontrarem dissociadas no currículo, mas muito mais pelo fato de a teoria se encontrar distante dos problemas reais da escola, como da sala de aula e do próprio ensino.

Diz ainda, que a dicotomia teoria-prática e o distanciamento mantido pela universidade da realidade da escola pública de ensino fundamental e médio e “dos problemas colocados pela prática da sala de aula refletem-se, entretanto, de maneira diferenciada no trabalho pedagógico” (p. 94). Esse distanciamento da realidade da escola pública mostra a ausência do trabalho pedagógico como eixo articulador da relação teoria-prática nos cursos de formação, desqualificando o aluno, em termos de conhecimento, para a análise, a reflexão e o reconhecimento dos problemas educacionais que podem ocorrer no interior da própria escola.

No capítulo III, a autora analisa os momentos do estágio como o desenvolvimento do trabalho das estagiárias e suas propostas de trabalho para a escola pública de ensino fundamental. Verifica as possibilidades de mudanças ou transformação, afirmando que “A identificação de tais condições representa um passo no processo de conhecimento do trabalho realizado na prática de ensino e nos estágios, pois nos permite identificar os limites para a transformação dessas possibilidades – que imaginamos existir – em realidade” (p. 128-9). Ela constata, ainda, as dificuldades das estagiárias em construir a proposta de trabalho para a escola de ensino fundamental e ressalta que o cotidiano da escola constitui “um dos elementos importantes como ponto de partida para que o aluno elabore seu conhecimento baseado na identificação das contradições da prática pedagógica” (p. 160). O trabalho de estágio das alunas não é pensado pela autora como trabalho produtivo, mas como trabalho socialmente útil.

O contato das alunas com o Magistério de Ensino Médio é analisado no capítulo IV, onde a autora, como professora da prática de ensino e estágios, sugere que as estagiárias elaborem uma produção teórica sobre o trabalho

realizado nas séries iniciais do ensino fundamental para rever questões e montar a proposta de trabalho para o magistério, tendo como base os problemas e questionamentos levantados anteriormente, no ensino fundamental. Como salienta a autora, as propostas de trabalho para o magistério esbarravam em limites e dificuldades, como ausência do domínio teórico e prático da realidade da Habilitação Específica para o Magistério de Ensino Médio, em consequência da desvinculação entre o curso de pedagogia e os problemas desse grau de ensino, opção/não opção pelo magistério e o compromisso com o trabalho docente na escola pública.

Para finalizar, a autora aponta os limites e possibilidades na realização da pesquisa, partindo do próprio trabalho para analisar o trabalho de estágio das alunas, na escola pública, durante o ano de 1992. Mostra que, apesar de participar “de uma universidade reconhecidamente avançada, contraditoriamente, não estamos distantes de fazer parte de uma universidade afastada dos problemas reais da educação e da escola, desvinculada e descomprometida, como projeto coletivo e institucional, com a realidade, universidade que produz um saber ilusório, frágil, fragmentado, desatualizado na perspectiva teórica e sem qualquer ligação com a realidade concreta”. (p. 237)

Um trabalho como este nos faz reconhecer a importância da pesquisa sobre os cursos de formação dos profissionais da educação, pois além de refletir sobre a questão do compromisso da universidade com a formação do professor e a importância da prática de ensino e estágio, nos faz verificar as possibilidades de mudanças. Fica, assim, estabelecido o compromisso com as mudanças na universidade e em específico com os cursos de formação de professores, marcados pela fragmentação do conhecimento que tem reforçado o sistema capitalista excludente. Como nos chama atenção a autora: “A ruptura com esta forma de produção de conhecimento, nos limites da estrutura atual da universidade e da sociedade, é tarefa coletiva inadiável”. (p. 238)